www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

ZIPPERGALERIA

Aquilo Que Não Cabe
Jessica Costa

Texto: Carollina Lauriano

Qual a primeira imagem que vem à cabeça quando você pensa na palavra corpo?

Em uma pesquisa muito breve no *Google Trends*, nos últimos seis meses, as buscas pela palavra corpo estiveram associadas a: emagrecimento rápido, corpo seco, shape de verão, como obter o corpo de ... (nomes de algumas celebridades e influencers), dieta para secar em x dias.

O *Trends* é uma ferramenta gratuita que mostra o volume e a popularidade de termos e assuntos buscados pelos usuários ao longo do tempo, muito utilizada para análises comportamentais do público.

Eu poderia ter começado esse texto por uma abordagem talvez mais poética e artística, mas essa rápida amostragem foi determinante para a composição dessa exposição, partindo de conversas, trocas e provocações durante meses de acompanhamento do trabalho de Jessica Costa.

Como background, eu e Jessica partilhamos de uma carreira na indústria da moda – eu, na comunicação, e ela, no desenvolvimento de produto – e, posteriormente, uma ruptura com essa área, por razões muito parecidas: a pouca habilidade do setor em lidar com corpos fora do padrão.

E aqui, a arte surge exatamente como um ponto de reflexão sobre essas questões apresentadas nesta exposição. “Aquilo que não cabe” reúne uma série de trabalhos inéditos de Jessica Costa, que ampliam sua investigação artística para além da discussão da materialidade e trazem o corpo para o centro do debate.

www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

ZIPPERGALERIA

Quem já estava ambientado com a produção da artista vai perceber que para esta individual o trabalho de Jessica cresce, não somente em escala, mas também em proposta discursiva. Se antes suas tapeçarias ocupavam, em sua maioria, o espaço das paredes, na mostra, elas se expandem para a escultura, como maneira de trazer a imagem do corpo de forma mais literal e sensorial.

Em suas séries anteriores, o corpo aparecia como investigação da anatomia, muito mais voltada para uma observação da nossa composição interna. Nesse sentido, o título da exposição serve como norte para analisarmos o trabalho de Jessica de algumas perspectivas.

A primeira vem da própria ruptura com esse seu passado na moda, e também por tirar a tapeçaria de uma ideia apenas utilitária. Tanto na história da arte quanto sob a ótica de gênero, o têxtil ficou por um longo período relegado à artesania e ao trabalho feminino, ambos lidos como inferiores.

Por outro ângulo, as obras que compõem a exposição marcam um novo ponto de tensão no trabalho de Jessica. As obras ganham mais volumes e texturas, expandindo o próprio limite da moldura. Um gesto que parece simples, mas carrega uma carga simbólica muito forte. Ao ultrapassar, é como se a artista nos convidasse a pensar nossas próprias fronteiras, cotidianamente mediadas para se encaixar em expectativas, sejam elas internas ou externas.

Quando o limite não é mais aquilo que não nos cabe, quais são as possibilidades que surgem? E aqui eu retomo a pergunta que abre este texto, pois ela é extremamente importante para analisarmos as esculturas que fazem parte desta exposição.

Neste conjunto, vemos quatro esculturas que partem de um mesmo molde, mas que possuem volumes diferentes. Se na ferramenta de pesquisa observamos como o espírito do tempo vem atuando para definir padrões cada vez mais rígidos, e por que não dizer também mais frágeis, de como um corpo deve se comportar para se adequar a uma normatividade/performatividade, na organização de esculturas no espaço, elas sugerem um caminho oposto.

www.
zippergaleria.
com.br

zipper@
zippergaleria.
com.br

+55 11 4306 4306

R. Estados Unidos 1494
01427 001
São Paulo SP Brasil

ZIPPERGALERIA

Ao propor um percurso do menor ao maior volume, é como se esses corpos buscassem seu lugar de liberdade para ocuparem os espaços a partir de seus próprios desejos, questionando “a quem interessa manter tantos corpos frágeis?”.

Essa pergunta também surge na última série de trabalhos aqui apresentada. Os sulcos da tapeçaria são envoltos por alças de sutiãs, elementos tão presentes dentro do imaginário da construção de uma ideia sobre o feminino, mas que aqui aparecem tanto como um ponto de tensão sobre limites, quanto uma perspectiva da própria desconstrução desse imaginário.

“Aquilo que não cabe” está o tempo todo lidando com as expectativas criadas sobre os corpos, entre a fragilidade e a resistência. Nessa sua segunda individual na galeria, Jessica nos mostra a importância que tem a força da desobediência como ato de liberdade.